

O FILME “1917”: OS RELATOS PARA UMA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS

Jean Vieira Ramos (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Márcia Elisa Teté Ramos (Orientadora), e-mail: metramos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH)

Área e subárea do conhecimento: 70503001 HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Relatos de guerra; Ensino de história.

Resumo: Apresenta resultados de pesquisa sobre o filme intitulado “1917” baseado em relatos de guerra para entender a Primeira Guerra Mundial. Não descarta a grande narrativa histórica, cronológica e linear, na medida em que reconhece a produção historiográfica que relaciona cinema e história desde a década de 60 do século passado, porém, privilegia a guerra no cotidiano de homens comuns, dispostos na hierarquia militar como jovens soldados, sem pretensões ou grandes decisões. Estes sujeitos comuns também fazem a história. No caso, retomamos relatos de guerra, pois o filme foi produzido conforme o relato, principalmente, do avô do cineasta responsável e sua pesquisa histórica. A história é mais do que aqueles fatos, nomes e datas, geralmente apresentados para abordar a Primeira Guerra Mundial. Há muito mais do que isso neste acontecimento. Existem vivências, desafios, sofrimentos relacionados ao horror da guerra. A historiografia deve e pode considerar a história das pessoas comuns, sem se desprezar informações factuais. Nos estendemos um pouco para além do tratamento do filme como fonte histórica e refletimos sobre como este filme pode ser empregado em sala de aula. O passado pode ser “ensinado” também ao cooptar a sensibilidade do sujeito, como é o caso do referido filme.

Introdução

Este texto apresenta uma pesquisa que entende a aprendizagem histórica, a construção do conhecimento histórico escolar, como relacionado à utilização da metodologia da ciência histórica.

O Cinema como fonte histórica tem sido objeto de pesquisa em diversas áreas e os especialistas vêm discutindo a relação entre a imagem animada, a realidade e como os efeitos das imagens permanecem na memória. Esse diálogo da relação entre o Cinema e a História na academia é discutido há mais de 70 anos – pois se inicia na com Marc Ferro na década de 60 do século passado – e entre os cineastas desde a década de 1910 com D. W. Griffith pelo seu filme O Nascimento de Uma Nação (VALIM, 2011, p. 41).

Na história, Marco Ferro é considerado um expoente no que diz respeito à discussão sobre o uso dos filmes como documentos históricos desde, como dito, a década de 60 do século XX, superando a ideia de que o filme seja reflexo ou retrato da realidade, mas uma fonte que deve ser interpretada como qualquer outra fonte histórica (FERRO, 1992).

Segundo VALIM (2011), sobre as pesquisas sobre História e Cinema, três alternativas são possíveis: os estudos de teoria do cinema; a crítica histórico-cinematográfica e a história do cinema. As análises críticas que visam perceber como o filme incorpora a história, direcionam-se para dois pontos interdependentes: 1) o contexto histórico que gerou determinada forma fílmica de ver a realidade e 2) as reflexões e interpretações da realidade no tempo dispostas no filme.

Os procedimentos historiográficos específicos precisam chegar à escola, notadamente a metodologia que inclui o uso da fonte documental. Por isso a necessidade de se analisar como os filmes vem tratando de temas históricos, já que hoje integram o universo cultural de muitos sujeitos, inclusive dos sujeitos escolares (FERREIRA, 2016).

É notável o fato de que o filme “1917” vem atingindo um grande público, especialmente após o Oscar de 2019. O título original do filme é 1917, tem a duração de 117 minutos com o seguinte elenco: Andrew Scott (Lieutenant Leslie), Benedict Cumberbatch (Colonel Mackenzie), Colin Firth (General Erinmore), Dean-Charles Chapman (Lance Corporal Blake), George Mackay (Lance Corporal Schofield), Mark Strong (Captain Smith), Richard Madden (Lieutenant Blake), Adam Hungill (Private Atkins), Adrian Scarborough (Major Hepburn), Claire Duburcq (Lauri), Daniel Mays (I) (Sergeant Sanders), Jamie Parker (I) Lieutenant Richards e Nabhaan Rizwan (II) (Sepoy). É uma produção de 2019, sendo considerado o gênero como “Guerra”, produzido pelos seguintes países: Estados Unidos da América, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Produzido pelo estúdio Universal Pictures, sob direção de Sam Mendes. O filme foi indicado em 10 categorias no Oscar de 2019, sendo as principais categorias: Melhor filme, Melhor direção e Melhor fotografia.

Entre as causas da guerra incluem-se as políticas imperialistas estrangeiras das grandes potências da Europa, como o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro, o Império Otomano, o Império Russo, o Império Britânico, a Terceira República Francesa e a Itália. Lembrando que é considerado como estopim da Primeira Guerra Mundial o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinand, o herdeiro da dinastia dos Habsburgos, na cidade de Sarajevo na Bósnia no dia 28 de junho de 1914, provocando a reação do Império Austro-Húngaro e a política de alianças e a entrada de outros países no conflito, acabou gerando uma sucessão de acontecimentos. O conflito envolveu as grandes potências de todo o mundo, que se organizaram em duas alianças opostas: os aliados (com base na Tríplice Entente entre Reino Unido, França e Rússia) e os Impérios Centrais, a Alemanha e a Áustria-Hungria. Originalmente a Tríplice Aliança era formada pela Alemanha, Áustria-Hungria e a Itália; mas como a Áustria-Hungria tinha tomado a ofensiva, violando o acordo, a Itália não entrou na

guerra pela Tríplice Aliança. Estas alianças reorganizaram-se (a Itália lutou pelos Aliados) e expandiram-se com mais nações que entraram na guerra (MACMILLAN, 2014).

Materiais e métodos

Francisco César FERRAZ (1999) recomendou uma metodologia para o trabalho com fontes históricas em sala de aula, partindo do pressuposto que os mesmos procedimentos metodológicos da ciência histórica podem ser transpostos para o ensino de história. Por isso mesmo, constrói uma tabela de problematização de fontes que destaca o seguinte: autoria (seriam os detalhes técnicos do filme, sua datação, produção, elenco, estúdio, país(es), alcance); contexto histórico (no caso, da história apresentada pelo filme); aspectos técnico-formais (são as estratégias de construção sentido) e simbolismo (o sentido que se quer dar à história disposta no filme). Os aspectos técnico-formais e o simbolismo serão apresentados adiante em Resultados e Discussões.

Com a mesma perspectiva, Isabel BARCA (2004) também indica a aula-oficina como proposta para o ensino e aprendizagem histórica, no sentido de superar o que chama de aula-conferência baseada na transmissão do conhecimento aos alunos passivos. Para Barca, este tipo de aula demanda um princípio investigativo. Primeiro o professor investiga o conteúdo histórico a ser trabalhado, bem como o que seus alunos já sabem sobre ele. Depois de perceber quais lacunas ou incompreensões seus alunos têm sobre o tema, o professor fornece condições para que estes protagonizem a construção do conhecimento histórico pela pesquisa e metodologia da história.

Partindo da tabela de problematização de FERRAZ (1999), consideramos brevemente na introdução a questão da autoria e do contexto histórico retratado, que implicaram em levantamento bibliográfico, sendo que as temáticas remetem 1) à história da construção e recepção do filme e 2) à história da Primeira Guerra Mundial. O levantamento bibliográfico dos alunos pode incluir sites, desde que condizentes com a indicação do professor.

Estudando tais referências, é possível assistir ao filme, transcrevendo narrativas, cenários, episódios, marcando a posição de cada personagem, desta forma produzindo uma interpretação sobre a fonte, considerando o posicionamento do filme quanto à Primeira Guerra Mundial.

Como o filme “1917” diz respeito ao emprego de relatos de guerra, especialmente do avô do produtor, é necessário abarcar outro tipo de fonte. Enquanto o filme é destinado a um grande público, os relatos são geralmente privados. Esta diferenciação nos reporta ao entendimento das relações entre: o público e o privado; o filme e o relato e ainda, o contexto histórico da Primeira Guerra e a história do soldado no filme. O relato, ou os relatos sobre a guerra, são fontes orais (testemunhos) ou escritas (cartas, diários etc.) que dimensionam o cotidiano, as vivências, a vida prática (ARTHUR, 2011).

A macro-história, de forma subentendida, e a micro-história de forma mais nítida, estão presentes no filme “1917”, o que torna possível uma

análise sob o entendimento de “círculos concêntricos”. Em outras palavras: 1) a abordagem da narrativa geral, identificando na temática da Primeira Guerra as estruturas de um evento de longa duração e 2) a redução da escala de observação para um evento de curta duração. Para Guilherme RIBEIRO (2014) a temporalidade proposta pelo historiador Braudel na década de 40 do século XX, compreende a chamada “longa duração” como formada por eventos mais gerais e lentos, enquanto a de “curta duração” remete ao indivíduo, mais rápidas e sensível.

A micro-História insere na historiografia o cotidiano de comunidades, biografias (mesmo as de sujeitos anônimos), o que permite esclarecer as realidades conjunturais existentes dentro das estruturas já conhecidas (REVEL, 2010).

Resultados e Discussão

O filme pode ser excelente evidência histórica a ser interpretada, tanto na academia como na sala de aula, guardadas as devidas proporções. Deve-se considerar a faixa etária do aluno, o contexto da escola, da turma, o que eles já sabem sobre o tema, etc.

Sobretudo, importante é mostrar que todos fazemos história. Não apenas os personagens considerados importantes em determinado acontecimento. Pessoas comuns fazem história e a história pode ser aquela do cotidiano, das pequenas vivências e experiências. O filme nos faz ver um funcionamento para além daquele consagrado e postos na historiografia tradicional. Mesmo assim, é bom lembrar que a história é uma ciência, não se faz pelo mero testemunho e opinião, mas pela ciência, cuja metodologia pode abarcar pequenos relatos de guerra.

Pelo modo de produzir o filme, é possível ver que existe o propósito de trazer ao público um relato de soldado, realizando assim uma leitura de uma dada realidade. Podemos perceber que o relato transposto no filme, comprova que esta guerra foi respaldada em trincheiras (BATISTA, 2015), a juventude dos soldados, os desafios das estratégias adversárias etc. Enquanto estratégia fílmica, utiliza-se do efeito de realidade chamada experiência imersiva, cujo objetivo é fazer com que o participante da ação se sinta parte do que está sendo apresentado e use os seus sentidos para explorá-la. Neste sentido, o filme dá a impressão de um jogo eletrônico ou jogo de realidade aumentada. Com isso, aproxima-se, provavelmente dos códigos culturais do jovem estudante, criando-se uma empatia histórica como forma de se colocar no lugar do Outro. Peter Lee diz que poderíamos substituir a palavra “empatia” por “compreensão”. Mais precisamente: “compreensão histórica”, que não é um sentimento, “Embora envolva o reconhecimento de que as pessoas possuem sentimentos” (LEE, 2003, p. 20).

Conclusão

O relato de um soldado (o avô do diretor) cimenta a narrativa do filme “1917”, configura-se em um “indício” para a construção da narrativa,

construindo assim, uma micro-história, perfazendo o cotidiano da guerra, com personagens comuns, mas sujeitos da história. Contudo, entender tais relatos repassados pelo filme, implica no entendimento da Primeira Guerra Mundial como contexto histórico geral. Este exercício de correlacionar macro e micro histórias, fazem ver que existem formas diferentes de abordar a história, mas elas podem se complementar para um conhecimento mais elaborado.

Na sala de aula, os agentes escolares, professores e alunos, por meio do filme podem empregar o princípio investigativo em uma aula-oficina, permitindo assim a construção - para além da assimilação - do conhecimento histórico. Sem contar que o filme, devido à sua própria linguagem imersiva, simula um jogo, o que favorece a cooptação do jovem estudante. Mas mais do que isso, é importante perceber que a História pode ter diversas abordagens.

Agradecimentos: Ao PIBID financiado pela CAPES e à minha orientadora.

Referências:

ARTHUR, Max. **Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial**. Uma nova história contada por homens e mulheres que vivenciaram o primeiro grande conflito do século XX. Trad. Marco Antonio de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2011.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. BARCA, Isabel. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

BATISTA, Liz. **Batalha de trincheiras marcou a Primeira Guerra**. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,batalha-de-trincheiras-marcou-a-primeira-guerra,11389,0.htm> Acesso em 11 de abril de 2021

FELIX, Sihan. 1917 é um filme de guerra que carrega a urgência de um mundo em paz. **Crítica**. 2020. Disponível em <https://canaltech.com.br/cinema/critica-1917-159487/> Acesso em 20 de março de 2021.

FERRAZ, Francisco César. Uma agenda alternativa para o debate sobre o uso escolar das fontes históricas. In: SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. R. III **Encontro Perspectivas do Ensino de História**. Curitiba: Aos Quatro Ventos. 1999.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Cinema, educação e história pública: Dimensões do filme Xica da Silva. In MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, 348p.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1992.

LEE, Peter. “Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, I. (Org.). **Educação histórica e museus**. Braga: Centro de Investigação em Educação; Instituto de Educação e Psicologia; Universidade do Minho Actas das Segundas

Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga - Portugal: Centro de Investigação em Educação/Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho. 2003.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, I. **Perspectivas em educação histórica**. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga - Portugal: Centro de Investigação em Educação/Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho, 2001.

MACMILLAN, Margaret. **A Primeira Guerra Mundial**. Brasil: Globo Editora, 2014.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

RIBEIRO, Guilherme. Fernand Braudel e as metamorfoses do tempo e do espaço: o conceito de geohistória em *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II (1949 e 1966)*. **Confins**. n. 21, 2014.

RÜSEN, Jörn. In SCHMIDT; Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

VALIM, Alexandre Busko. Da realidade à representação: uma introdução à pesquisa sobre as relações entre Cinema e História. In ANDRADE, Solange Ramos de; ROLIM, Rivail Carvalho (org.). **Introdução à pesquisa histórica**. Maringá: EDUEM, 2011.